

SABER E ENSINAR ARTE CONTEMPORÂNEA

Renata Sant'Anna



Copyright © 2009 Renata Sant'Anna

Diretor editorial **Marcelo Duarte**
Coordenadora editorial **Tatiana Fulas**
Assistente editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Juliana Paula de Souza
Assistente de arte **Alex Yamaki**
Projeto gráfico e diagramação **Ana Miadaira**
Consultoria pedagógica **Josca Ailine Baroukh**
Revisão **Alessandra Miranda de Sá**
Impressão **Ideal**

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S223s

Sant'Anna, Renata, 1963-

Saber e ensinar arte contemporânea / Renata
Sant'Anna. – São Paulo: Panda Books, 2009. 52 pp.

ISBN 978-85-7888-036-1

1. Arte – Estudo e ensino (Ensino fundamental).
2. Arte e fotografia. I. Título.

09-5103.

CDD: 372.5

CDU: 372.87

2010

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

SUMÁRIO

Introdução • 4

A identidade na arte: o que somos e o que parecemos ser • 6

O retrato fotográfico • 9

Arte e cidade: um museu a céu aberto • 28

Grafite e pós-grafite: a arte em movimento • 38

O pós-grafite • 45

Referências bibliográficas • 52

INTRODUÇÃO

Caro professor, cara professora,

Nossas diversas atitudes como educadores tentam promover a pesquisa em artes para enriquecer o ensino e a apreciação da disciplina em sala de aula. A tarefa de fazer os alunos compreenderem a linguagem plástica, aprenderem a ver e a conhecer as obras de diversos artistas brasileiros e estrangeiros é de fundamental importância para construir nos jovens de diferentes idades e de diversas situações sociais o conhecimento e o interesse pela produção artística.

Sabemos das dificuldades de acesso aos museus, centros de cultura e outras instituições culturais, além da escassez de recursos para o ensino da arte nas escolas, fatores que limitam, ainda mais, o trabalho dos professores. Diante da impossibilidade de contato com a produção artística em seus espaços tradicionais, a apresentação da vida e da obra dos artistas em sala de aula torna-se, muitas vezes, a única oportunidade de contato dos alunos com as obras de arte, o que fortalece a importância de publicações que auxiliem os professores nessa tarefa.



© Robert Harding/Latinstock

Alunos em visita ao Museu Stedelijk, Amsterdã (Holanda).

O livro **SABER E ENSINAR ARTE CONTEMPORÂNEA** tem o objetivo de apresentar alguns caminhos para a organização de um programa em artes visuais por meio de eixos temáticos presentes na produção artística atual: imagem e identidade, e a cidade como espaço de arte. Temas diretamente relacionados ao cotidiano dos alunos, que vivem a transformação do corpo, a preocupação com a imagem na passagem da idade infantil para a idade adulta, e a necessidade de ampliar seus espaços de atuação para além dos muros da escola e da família, construindo uma relação de conquista com o espaço urbano para apropriar-se da cidade.

Acreditamos que o entrosamento com os temas favoreça uma relação entre a arte e a vida, possibilitando uma maior aproximação com os diferentes conceitos, suportes, propostas, espaços e mídias dos trabalhos dos artistas apresentados. O contato com as obras, somado à vivência dos alunos, poderá construir um caminho para compreender o pensamento e as manifestações culturais da sociedade contemporânea.

Considerando a importância do ensino da arte no sistema educacional brasileiro, pensamos ser indispensável o trabalho do professor, pois introduzir as crianças no universo das artes significa garantir sua presença na construção de um mundo que reconhece na cultura a fonte de seus valores essenciais.

Renata Sant'Anna

A IDENTIDADE NA ARTE: O QUE SOMOS E O QUE PARECEMOS SER

Ao longo da História, por variadas razões e utilizando diferentes materiais, pessoas pintaram pessoas, o que mostra o fascínio do homem pela própria imagem. Além da pintura, os retratos também eram representados em esculturas (bustos), relevos em moedas e medalhões, sepulturas etc.

Na Antiguidade e na Idade Média, os retratos eram símbolos de *status*, um luxo restrito aos governantes e poderosos. Mais tarde, comerciantes e banqueiros passaram a integrar a galeria de retratos na história da arte.



© Erich Lessing/Latinstock

Retrato do general veneziano Jacopo Antonio Marcello (1398-1461).



© Raymond Reuter/Corbis/Latinstock

Retrato de Dom Pedro I (1798-1834).

Neste gênero de pintura – retratos – também podemos incluir os autorretratos. Não só governantes e burgueses desejavam ter o ros-

to perpetuado, também os próprios artistas o queriam. São inúmeros os autorretratos de artistas nacionais e internacionais.



© Acervo Museu Lasar Segall/MinC

Lasar Segall
Autorretrato, 1927
Óleo s/ tela
50,5 x 39 cm

Apesar de todas as transformações ocorridas na arte ao longo da História, esse gênero de pintura persistiu através do tempo e é, ainda hoje, apresentado de diversas maneiras e técnicas por muitos artistas. Retratos e autorretratos são temas recorrentes na produção artística atual. Os artistas contemporâneos se apresentam por meio de vídeos, fotografias, moldes do corpo. Enfim, uma infinidade de propostas nas

quais reconhecemos a **autorrepresentação** como ideia central.

São inúmeras as possibilidades que os artistas encontram para produzir os autorretratos: Leonilson (1957-1993) borda as iniciais em seus objetos (veja na página 15); Carlos Zílio faz uma mancha que lembra sangue e escreve na tela “Auto-retrato”; Alex Flemming mede o corpo e o apresenta com base em sua altura.



© Acervo Museu de Arte Moderna/MAM-RJ

Carlos Zílio
Autorretrato, 1973
Tinta acrílica s/ tela
135 x 85 cm

Vamos pesquisar como, para que e por que as pessoas têm a necessidade e o desejo de serem retratadas ou de registrarem suas imagens, deixando para a posteridade seu registro visual.

O retrato como gênero

“O retrato pode ser considerado um gênero de pintura, como a paisagem, a natureza-morta e a pintura de gênero, em virtude de sua presença em importantes períodos da História da Arte, devido ao fato de que quase todos os pintores e escultores a ele se dedicaram, alguns esporadicamente e outros com insistência. [...] O estudo da arte de retratar deve merecer atenção dos estudiosos pelo caráter artístico e iconográfico e por contribuir para a compreensão de determinado momento de uma sociedade, seus hábitos, suas roupas, sua maneira de viver e, sobretudo, a psicologia do ser dentro da sociedade. Os retratos poderão apenas representar, fixando para o futuro, os traços fisionômicos de um modelo em certo estágio de sua vida, sem outras pretensões. Há autores que encontram intuitivamente o caráter íntimo das pessoas, arrancam de dentro um sentido que, muitas vezes, o próprio modelo desconhece, podendo eles – os retratos – serem públicos, destinados à exaltação de heróis, políticos,

reis ou indivíduos destacados em suas atividades profissionais. [...] Períodos houve em que essa vontade foi reduzida ou desapareceu completamente como decorrência do espírito de comunidade que os caracterizava, quando os indivíduos, isoladamente, perdem importância e obviamente a intenção de se fazerem retratar. [...] A história do retrato pode ser estudada por ângulos distintos: sociais, econômicos, psicológicos, técnicos e artísticos e, traduzindo cada um, suas razões e origens”.

TEXTO APRESENTADO NO MATERIAL DE APOIO EDUCATIVO PARA O TRABALHO DO PROFESSOR COM ARTE NA XXIV BIENAL DE SÃO PAULO, 1998.

O RETRATO FOTOGRÁFICO

Antes da invenção da fotografia, a pintura de retratos era a única maneira de registrar a imagem das pessoas. Desde 1525, pesquisadores tentavam descobrir outra forma de terem o rosto documentado para a eternidade. Apenas em 1817 surgem as fotografias impressas sobre papel, provocando grandes mudanças na história da arte.

Com o advento da fotografia alguns artistas sentiram-se ameaçados. Pensaram que seria o fim da pintura, que o fotógrafo tomaria o lu-